

PRÁTICAS DE PSICOMOTRICIDADE

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A psicomotricidade é um mosaico de práticas e vertentes teóricas. Em virtude disso, podem ocorrer dificuldades na compreensão e na exatidão de suas informações entre os acadêmicos de cursos que se aproximam desta necessidade teórica e que dão os seus primeiros passos na formação inicial.

que a Educação Física não é constituída somente por exercícios e gestos esportivos puramente mecânicos, e sim por movimentos que representam as manifestações do comportamento humano, buscaram estudar o processo da evolução histórica da psicomotricidade, tentando dar conta das principais correntes, desde o surgimento dos primeiros estudos biomédicos da psicomotricidade até as concepções mais integralizadoras do movimento.

A intenção desta introdução, que abarca o histórico da psicomotricidade, é de apresentar as concepções que originaram o termo psicomotricidade e suas vertentes atuais. Na seqüência, o estudo procura analisar suas características, apresentando as faces das diferentes abordagens da psicomotricidade a partir de três grandes grupos: Reeducação Psicomotora, Terapia Psicomotora e Educação Psicomotora.

Atualmente coexistem na área da Psicomotricidade diversas vertentes. Historicamente a psicomotricidade tratou o ser humano de forma fragmentada, baseada nos princípios fundamentais do dualismo cartesiano, que consistem em separar o corpo e a alma. Descartes (1979 apud LEVIN, 1995) diz que o corpo é apenas uma coisa externa que não pensa, e que a alma, não participa de nada daquilo que pertence ao corpo. Posteriormente passou-se a considerá-lo em sua totalidade, isto é, o corpo começa a ser visto como uma unidade que expressa sentimentos e emoções que movem suas ações (FALKENBACH, 2002).

Os antecessores do campo psicomotor são a ginástica terapêutica e a psicodinamia. A ginástica terapêutica divulgada por Shreber (1980 apud LEVIN, 1995) descreve sistemas de exercícios e técnicas de ginástica com o objetivo de obter e atingir a harmonia do espírito e do corpo. Para esta finalidade, define o período de dois a sete anos na faixa etária das crianças como a época dos castigos corporais com ação terapêutica. Esse método teve como objetivo curar doentes e cultivar o corpo humano, modificando o homem e a sociedade graças à educação física.

Outro antecessor do campo psicomotor é a Psicodinamia de Philippe Tissiê, que se opõe à educação física militarizada e propõe uma educação pelo movimento. Segundo Le Camus (1986, p. 25) "A psicodinamia é, nada mais, nada menos, do que o nome e a pré-concepção da prática psicomotora atual, e Tissiê pode ser considerado, com razão o precursor dos psicomotricistas atuais".

Negrine (2002) explica que o termo psicomotricidade originou-se na França, no final do século XIX e no início do século XX. Inicialmente esteve vinculado a estudos de neuropsiquiatria infantil apresentados por Dupré. Os estudos deste neuropsiquiatra abordam a síndrome da debilidade motriz e a síndrome da debilidade mental. Expondo pela primeira vez o que se costumou denominar de psicomotricidade da criança, verifica-se que, nesta fase, a psicomotricidade está inserida no eixo biomédico. A prática da psicomotricidade ainda seguia o modelo racionalista e dualista, com ênfase nos aspectos motores do movimento humano.

Levin (1995) coloca que a prática psicomotora tem seu início com Edouard Guilmain em 1935. Este médico inicia um novo método que chama de Reeducação Psicomotora, consistindo na aplicação de baterias de testes psicomotores para a avaliação do perfil da criança. Estabelece-se, então, um exame psicomotor padrão e um programa de sessões de acordo com as características dos distúrbios motores que o indivíduo apresenta, orientando as modalidades de intervenção do terapeuta.

Na década de 70, Le Camus cita diferentes autores como: J. Bergès, R. Diatkine, B. Jolivet, C. Launay e S. Lebovici que definem a psicomotricidade como "uma motricidade em relação" (1986, p. 46). Esta concepção começa a delimitar uma diferença na postura do psicomotricista em relação às posturas racionalistas. Começa a deixar um pouco de lado a técnica instrumentalista - postura reeducativa -, dando mais espaço à relação, à afetividade e ao emocional - postura terapêutica -. Começa aqui o surgimento da Terapia Psicomotora.

Os psicomotricistas, agora preocupados com a vida emotiva de seus pacientes, começam a citar vários autores da psicanálise, como S.Freud, M. Klein, D. Winnicott, W. Reich, P. Schilder, J. Lacan, M. Manoni, F. Dolto e Samí Alí. Com isso, surgem novas perspectivas clínicas – teóricas no campo psicomotor (LEVIN, 1995).

Diante de obstáculos que foram encontrados por Lapierre e Aucouturier, com a prática da reeducação psicomotora, surge a necessidade de uma prática educativa que trabalhe e valorize o desenvolvimento das potencialidades da criança, pois, para eles, a reeducação psicomotora estava sendo geradora de insegurança, culpa e ansiedade. Surge aqui a idéia da Educação Psicomotora (AUCOUTURIER e LAPIERRE, 1986).

Segundo Negrine (2002), a psicomotricidade de cunho educativo deve estar destinada a crianças em idade pré-escolar, pois nesta faixa etária, deve-se buscar diferentes formas de exteriorização corporal, além de explorar diferentes formas de expressão e de comunicação. Permitindo uma rica vivência simbólica, a ação psicopedagógica deve estabelecer diversas estratégias que visem o avanço desses processos.

Atualmente existem dois eixos pelos quais a psicomotricidade educativa avança: a psicomotricidade funcional e a psicomotricidade relacional. A primeira toma como referência inicial o perfil psicomotriz da criança avaliada a partir de testes padronizados, e que se serve de famílias de exercícios como atividade-meio, não deixando espaço à exteriorização da expressividade motriz. A segunda, por sua vez, utiliza como atividade-meio a ação de brincar, a criação, a representação e a imaginação, isto é, utiliza-se do jogo como elemento pedagógico (NEGRINE, 2002).

Baseado nestas premissas e com o objetivo de aprofundar o conhecimento acerca da psicomotricidade e das concepções de suas vertentes, o presente estudo é proposto. Acredito que, ao estudar e refletir sobre sua origem e sobre suas principais vertentes, uma base de compreensão pode começar a ser formada afim de que haja continuidade em estudos posteriores, pois tenho consciência da importância e da necessidade da formação continuada. Neste sentido o presente trabalho propõe-se a auxiliar a comunidade acadêmica com os conhecimentos aqui desenvolvidos.

Esperamos, também, que este estudo possa contribuir com bases históricas e metodológicas a respeito da prática da Psicomotricidade para a Educação Física, assim como apresentar de forma didática a descrição, a análise e a categorização das características das principais vertentes da Psicomotricidade.

Os seguintes tópicos serão abordados em cada uma das vertentes da Psicomotricidade como: finalidade; área de base; autores de base; principais autores; obras e publicações; a relação adulto/criança; a composição dos grupos; a organização e proposição da prática; desenvolvimento das rotinas; avaliação/acompanhamento e postura corporal diante da criança.

AS PRINCIPAIS VERTENTES DA PSICOMOTRICIDADE

Com o intuito de facilitar a compreensão das características das principais vertentes da psicomotricidade, alguns aspectos serão analisados e categorizados em cada uma delas. No desenvolvimento deste exercício de categorização é necessário um prévio entendimento a respeito do que cada um destes aspectos irá tratar, pois os mesmos serão apresentados de forma sistematizada no quadro que consta nas considerações finais. Ao analisar a *finalidade* da vertente da psicomotricidade, procuro entender o objetivo principal desta vertente, ou seja, o propósito de sua existência.

Por *área de base* deve-se entender em qual área do conhecimento esta vertente tem suas bases, visto que a psicomotricidade busca constantemente um fundamento teórico em outras áreas do conhecimento, mudando, então, os objetivos de sua prática. Em suas diferentes vertentes, esteve alicerçada no modelo biomédico (neuropsiquiatria), passando depois para a psicologia e psicanálise e, por último na psicopedagogia, sem contar que utiliza meios da Educação Física para a realização de sua prática. Com o item *autores de base*, procuro identificar os autores clássicos que nortearam as bases teóricas de cada vertente.

Com os seguintes itens *principais autores e obras e publicações*, procuro mostrar que existe uma vasta bibliografia a respeito da psicomotricidade, bem como determinar a vertente que cada uma delas segue. Com os itens, *a relação adulto/criança; a composição dos grupos; a organização e proposição da prática; o desenvolvimento das rotinas; avaliação/acompanhamento e postura corporal diante da criança* buscamos determinar as características do desenvolvimento da prática em cada uma das vertentes da psicomotricidade.

- **Reeducação Psicomotora**

A vertente denominada Reeducação Psicomotora destina-se a crianças que apresentam déficit em seu funcionamento motor. Essa abordagem tem por finalidade ensinar a criança a reaprender como se executam ou se desenvolvem determinadas funções. Para isso, avalia-se o perfil psicomotor da criança, utilizando métodos que consistem na aplicação de baterias de testes psicomotores. Após o diagnóstico, a criança é submetida a um programa de sessões que tem como objetivo suprir as dificuldades aparentes (NEGRINE, 2002).

Esta abordagem tem como base estudos da neuropsiquiatria infantil. Devido a isso é muito voltada ao aspecto motor e entende o ser humano como um corpo instrumental, isto é, uma máquina de músculos, que, se não estiverem funcionando, devem se reparados (LEVIN, 1995).

Le Camus, ao analisar os estudos de Guilmain (1935), explica que a sessão de reeducação psicomotora destina-se, a três propósitos principais: reeducar a atividade tônica (com exercícios de atitude, de equilíbrio e de mímica); melhorar a atividade de relação (com os exercícios de dissociação e de coordenação motora com apoio lúdico); desenvolver o controle motor (com exercícios de inibição para os instáveis e de desinibição para os emotivos) (1986, p. 27).

Um aspecto importante a destacar é que Guilmain deu início à tentativa de acoplar a psicologia à educação física, devido ao fato de ter como base teórica os estudos de Wallon, que relacionam motricidade e caráter. Com isso, surge um paralelismo entre fenômenos psicológicos e fenômenos motores (LE CAMUS, 1986).

O início da reeducação psicomotora esteve centrado em uma prática que só se preocupava com o desempenho da criança frente aos seus métodos. Tratava-se de uma prática diretiva, mecanicista e dualista, não levando em consideração que o sujeito de sua prática, a criança, é um ser que expressa sentimentos e emoções em suas ações.

Aucouturier (1986), em conjunto com outros estudiosos do tema, começou a sentir a necessidade da evolução de seus ensinamentos e de suas práticas. O grupo estava preocupado em trabalhar com uma abordagem mais relacional, mais voltada à globalidade da criança. A respeito disso, Aucouturier enfatiza dizendo que:

Quando falo de globalidade da criança, falo de respeitar seu senso-motricidade, sua sensorialidade, sua emocionalidade, sua sexualidade, tudo ao mesmo tempo, falo de respeitar a unidade de funcionamento da atividade motora, da afetividade e dos processos cognitivos; falo de respeitar o tempo da criança, sua maneira totalmente original de ser no mundo, de viver, de descobrir, de conhecê-lo, tudo simultaneamente (1986, p. 17).

A principal mudança na evolução da reeducação psicomotora está na compreensão do corpo como uma unidade psicossomática e cujo movimento possui significado. Com isso a postura do reeducador frente à criança toma outra direção: ele passa a entendê-la como um ser de expressividade psicomotora. Sua relação com a criança passa a ser de empatia, de escuta, de interação e de ajustamento constante (AUCOUTURIER, DARRAULT e EMPINET, 1986).

Outro aspecto importante que é citado nesta nova fase da reeducação psicomotora é que a formação do reeducador é composta por uma trilogia efetuada simultaneamente: a formação pessoal, a formação teórica e a formação prática, ambas completando e enriquecendo umas às outras (AUCOUTURIER, DARRAULT e EMPINET, 1986).

A formação pessoal tem como objetivo melhorar a disponibilidade corporal do adulto a partir de vivências corporais, mobilizando também as áreas da afetividade, da sexualidade e dos "fantasmas", proporcionando mudanças de atitude e de tomadas de consciência. A formação teórica surge da necessidade que o psicomotricista tem de justificar, analisar e refletir sobre as principais teorias que baseiam seus procedimentos. E a formação prática oportuniza a vivência concreta de seus estudos com as crianças (AUCOUTURIER, DARRAULT e EMPINET, 1986).

Esses mesmos autores determinam que a reeducação psicomotora é destinada a crianças com idade até oito anos, pois entendem que, após essa idade, a prática psicomotora passa a uma prática corporal, e que a sessão psicomotora é composta por três espaços: o espaço sensório-motor, o espaço da emocionalidade e o espaço do distanciamento.

A evolução que a reeducação psicomotora passou serviu como o primeiro passo de uma trajetória que a psicomotricidade ainda percorre, isto é, o desenvolvimento de uma abordagem cada vez mais preocupada com o ser humano em sua totalidade inserido em um contexto sócio-cultural.

- **Terapia Psicomotora**

A vertente chamada de Terapia Psicomotora é destinada a crianças normais ou portadoras de deficiências físicas que apresentam dificuldades de comunicação, de expressão corporal e de vivência simbólica (NEGRINE, 2002).

Através da avaliação, diagnóstico e tratamento, esta abordagem possibilita, por meio da relação terapêutica, a compreensão das patologias psicomotoras e suas conseqüências relacionais, afetivas e cognitivas, tendo sempre como referência o desenvolvimento psicodinâmico da motricidade da criança (CARNE, 2002).

A terapia psicomotora utiliza várias contribuições da teoria psicanalítica; exemplos disso são os inúmeros conceitos que são utilizados: inconsciente, transferência, imagem corporal, etc. Agora os psicomotricistas estão mais atentos à vida emotiva de seus pacientes, dando "(...) importância à emoção, à expressão e à afetividade, considerando o corpo, a motricidade e a emocionalidade como uma globalidade e uma totalidade em si mesmas" (LEVIN, 1995, p. 41).

Ajuriaguerra (1984 apud LEVIN, 1995) explica que a terapia psicomotora não se restringe somente a modificar o tônus de base e as habilidades de posição e rapidez, mas modificar o corpo em seu conjunto, no modo de perceber e apreender as aferências emocionais.

Segundo Aucouturier e Lapierre (1977), a criança possui problemas, deficiências e falhas, mas cabe ao terapeuta reconhecer suas potencialidades e trabalhar com o que há de positivo na criança, partindo daquilo que ela faz espontaneamente, daquilo que sabe fazer, do que gosta de fazer.

A formação do terapeuta é composta pela mesma trilogia que foi citada e explicada na reeducação psicomotora, adicionando-se, ainda, formação continuada e supervisão permanente, pois estas é que lhe possibilitarão bases para o desenvolvimento de sua prática (AUCOUTURIER, DARRAULT e EMPINET, 1986).

Uma característica importante que estes mesmos autores explicam é que a terapia psicomotora só pode ser realizada em ambiente apropriado, ou seja, clínica especializada em terapia, hospital psiquiátrico, grupo de ajuda psicopedagógica ou centro médico pedagógico.

A sessão de terapia psicomotora se desenvolve de forma individualizada. A relação que o terapeuta estabelece com a criança é de sintonia, escuta, empatia e o seu corpo é o depósito das emoções da criança, o tempo da sessão é de acordo com a disponibilidade da criança (AUCOUTURIER e LAPIERRE, 1977).

Levin ainda complementa: “a terapia psicomotora centra o seu olhar a partir da comunicação e da expressão do corpo, no intercâmbio e no vínculo corporal, na relação corporal entre a pessoa do terapeuta e a pessoa do paciente em diálogo de empatia tônica” (1995, p. 42).

Na forma de pensar de Negrine (2002), o trabalho terapêutico, a partir da perspectiva lúdica, requer muita disponibilidade corporal do psicomotricista com a criança portadora de qualquer deficiência, pois ele, através dos estímulos e intervenções que faz constantemente, tem a possibilidade de criar atitudes comportamentais na criança. Este nível de intervenção do psicomotricista é que diferencia a psicomotricidade terapêutica da educativa.

Nesta abordagem cabe ao terapeuta uma constante adaptação à evolução da criança, um domínio na trilogia da formação, uma forte capacidade de escuta e o mais importante, não impor às crianças os seus desejos e sim ajudá-las na evolução e na criação de seus próprios desejos.

• Educação Psicomotora

A vertente denominada Educação Psicomotora tem por finalidade promover, através de uma ação pedagógica, o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança, objetivando o equilíbrio biopsicossocial (NEGRINE, 1986).

Le Boulch (1982 apud NEGRINE, 1986) explica que a Educação Psicomotora é formadora de uma base indispensável a toda criança, pois tem como objetivo assegurar o desenvolvimento funcional, levando em conta as possibilidades da criança, possibilitando, também, através das relações interpessoais, a expansão e o equilíbrio de sua afetividade.

Para Falkenbach (2002), a finalidade da prática da educação psicomotora é.

- 1ª) promover um meio lúdico-educativo para a criança expressar-se por intermédio do jogo e do exercício, devendo possibilitar às crianças a exploração corporal diversa do espaço, dos objetos e dos materiais;
- 2ª) facilitar a comunicação das crianças por intermédio da expressividade motriz;
- 3ª) potencializar as atividades grupais e favorecer a liberação das emoções e conflitos por intermédio do vivenciamento simbólico.

A Educação Psicomotora atualmente se divide em dois eixos: a Psicomotricidade Funcional e a Psicomotricidade Relacional. Negrine define o aspecto que diferencia as duas práticas, elucidando-nos que “(...) o ponto fundamental da passagem da psicomotricidade funcional à relacional é a utilização do jogo (brincar da criança) como elemento pedagógico” (1995, p. 74).

PSICOMOTRICIDADE FUNCIONAL

Para Negrine (2002), a psicomotricidade funcional compreende o desenvolvimento psicomotriz a partir de bases teóricas de neuroanatomia funcional, tendo como base concepções sobre a motricidade que acreditam que o processo de desenvolvimento humano é decorrente dos processos de maturação.

As capacidades e habilidades motrizes seguiriam um padrão evolutivo igual em todas as pessoas e poderiam ser avaliadas através de exercícios-testes padronizados para as diferentes idades. Variáveis como sexo, fatores culturais, experiências vivenciadas, não eram levadas em conta. Na avaliação do perfil psicomotor da criança algumas variáveis eram analisadas, como por exemplo equilíbrio estático e dinâmico, coordenação apendicular, coordenação visomanual (movimentos finos e delicados), sincinesias, paratonias, lateralidade e orientação espacial (NEGRINE, 2002).

Este mesmo autor explica que a psicomotricidade funcional se sustenta em diagnósticos do perfil psicomotriz e na prescrição de exercícios para sanar possíveis descompassos do desenvolvimento motriz. A estratégia pedagógica baseia-se na repetição de exercícios funcionais, que são estereótipos criados e classificados constituindo as famílias de exercícios: exercícios de equilíbrios estáticos e dinâmicos, exercícios de coordenação, exercícios de flexibilidade, e exercícios de agilidade e destreza.

Dentro deste eixo da psicomotricidade educativa, Langlade (1974 apud NEGRINE, 2002) afirma que a educação psicomotriz é uma ação psicológica e pedagógica que utiliza os meios da Educação Física com a finalidade de normalizar ou melhorar o comportamento da criança.

Picq e Vayer (1985) explicam que, após a análise dos problemas encontrados, a psicomotricidade funcional tem a finalidade de educar sistematicamente as diferentes condutas motoras, permitindo assim uma maior integração escolar e social.

Em suas primeiras obras sobre a psicomotricidade funcional, Aucouturier e Lapierre colocam que a “(...) organização espaço gráfica, necessária para a aquisição da leitura e da escrita, necessitava da prévia organização do espaço de modo geral e inicialmente corporal” (1985a, p.09), com isso determinam como objeto de sua prática, crianças com algum grau de dificuldade de aprendizagem (dislêxicos, disgráficos, agitados), traçando o perfil psicomotor da criança e depois apresentando tabelas de exercícios com o objetivo de sanar os problemas.

Negrine teve sua formação inicial na psicomotricidade funcional. Seus estudos e o desenvolvimento das sessões de psicomotricidade eram destinados a crianças que apresentavam problemas de aprendizagem, mais especificamente na leitura, na escrita e no cálculo matemático. Este método se sustenta no discurso de que o desenvolvimento de certas habilidades motrizes permite a melhora do desempenho nas aprendizagens cognitivas (NEGRINE, 1986).

O desenvolvimento da sessão de psicomotricidade funcional é estruturado de forma que o aluno imite os modelos de exercícios pré-programados, que são propostos pelo professor “(...) a criança não tem escolha, todas ao mesmo tempo devem realizar os exercícios que são propostos” (NEGRINE, 2002, p.117). O professor utiliza-se de métodos diretivos, tornando seu aluno dependente de suas ações, não dando espaço para que a criança realize atividades que permitam explorar o mundo simbólico, impedindo a exteriorização de sua expressividade motriz.

Em relação aos métodos diretivos, Negrine (2002) chama a atenção para o fato de que estes estão relacionados a estratégias pedagógicas voltadas à correção. O gesto motriz que não é realizado conforme a solicitação do professor é considerado errado. Deste modo, criam-se inibições e resistências de exteriorização corporal, e, devido a isso, a avaliação se torna uma ação puramente quantitativa, só valorizando a correta execução dos exercícios propostos.

A relação que o psicomotricista funcional tem com a criança é uma relação de comando “(...) é uma intervenção no corpo de forma mecânica” (NEGRINE, 1995, p. 56), e o contato corporal entre eles ou com outras crianças só ocorre se estiver determinado no exercício proposto.

É importante salientar que existem vários autores que estudam e aplicam a psicomotricidade funcional, tais como: Le Boulch, Picq, Vayer, mas neste estudo me detive aos que considero principais.

Este eixo da educação psicomotora é seguido por muitos professores de Educação Física, mas o desenvolvimento dessa prática se assemelha muito a forma tradicional de uma aula de ginástica.

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL

A psicomotricidade relacional é uma abordagem psicopedagógica que se dá pela via corporal, englobando uma série de estratégias de intervenções e de ações pedagógicas que servem como meio de ajuda à evolução dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança. Ela compreende que o desenvolvimento humano é decorrente da inter-relação entre fatores internos,

que correspondem aos processos biológicos, e fatores externos que dizem respeito ao processo de aprendizagem que se origina nos aspectos histórico-culturais (NEGRINE, 2002).

Este mesmo autor explica que a psicomotricidade relacional utiliza-se da ação do brincar como elemento motivador para provocar a exteriorização corporal da criança, pois entende que a ação de brincar impulsiona processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Essas estratégias de intervenções pedagógicas criam, também, condições favoráveis para a construção de um vocabulário psicomotor amplo e diversificado e servem como meio de melhora das relações da criança com o adulto, com os iguais, com os objetos e consigo mesma.

A utilização de métodos não-diretivos permite que a criança manifeste todo seu interesse, atitudes e valores que retratam as emoções e os sentimentos de cada momento vivido. Estes métodos também permitem que o psicomotricista faça interpretações significativas das ações que a criança experimenta quando se exterioriza, seja através da mímica, dos gestos ou das produções plásticas. Para isso é necessário que tenha uma atenção maior, pois deve observar e identificar as crianças que mais necessitam de seu auxílio (NEGRINE, 2002).

Na forma de pensar de Negrine (2002), a psicomotricidade relacional está alicerçada em três aspectos, que determinam suas finalidades. O primeiro diz respeito à experimentação corporal múltipla e variada, no qual o psicomotricista deve permitir, facilitar e provocar a criança à experimentação de diversos movimentos com o próprio corpo, com objetos ou com disfarces.

O segundo aspecto é o estímulo à vivência simbólica, isto é, permitir que a criança realize atividades representativas. Com a realização destas ações corporais (movimentos, gestos, mímicas) a criança constrói o conhecimento das coisas e do mundo, amplia seu vocabulário psicomotor, aciona mecanismos de pensamento representativo. Este, por sua vez, aciona a fala egocêntrica, exercitando a comunicação oral.

O terceiro aspecto se refere à comunicação como elemento de intervenção pedagógica, de socialização e de exteriorização da criança. Isto quer dizer que a comunicação expressa de diferentes formas - verbal, plástica, pictórica - serve como instrumental que o psicomotricista utiliza para fazer a criança evoluir.

No que diz respeito à relação adulto/criança, é fundamental que o psicomotricista ajude a criança a realizar tudo aquilo que ainda não é capaz de realizar sozinha; é necessário que ele exerça um papel de mediador, seja para provocara sua exteriorização, seja para dar segurança, seja para determinar limites à criança. Na relação do psicomotricista relacional com a criança, o toque corporal é um forte aliado, pois com ele vínculos afetivos são estabelecidos, dando segurança e ajuda à criança. "O papel do psicomotricista relacional é sempre de ajuda, entretanto ele também interage, sugere, propõe, estimula e escuta a criança" (NEGRINE, 2002, p.124).

Segundo Negrine (2002), a sessão de psicomotricidade relacional segue uma rotina que se divide em três momentos: 1º) ritual de entrada; 2º) atividades livres de expressão, construção e comunicação e 3º) ritual de saída, pois todo o ato pedagógico deve ter início, meio e fim.

No ritual de entrada, o professor e as crianças sentam-se em círculo, se apresentam de forma que todos possam falar e ser escutados estabelecendo as combinações (regras de convivência) referentes àquela sessão, cabe ao psicomotricista neste momento provocar as crianças a realizarem diversas experimentações.

A segunda parte da sessão é destinada à realização de atividades livres de expressão, construção e comunicação. No início se dá um estímulo às crianças e depois elas passam a brincar com o que quiserem. É importante que o psicomotricista permita a experimentação de diversas atividades e que exija o cumprimento das regras de convivência estabelecidas no ritual de entrada.

O ritual de saída é o momento em que o psicomotricista diz que o jogo acabou. Com isso as crianças devem interromper as brincadeiras e devem ajudar a guardar o material que foi utilizado na sessão, pois isto havia sido combinado no ritual de entrada. Após terem guardado todos os materiais, se dá início ao encerramento da sessão. Todos devem sentar novamente em círculo e o psicomotricista deverá provocar a verbalização das crianças ao grande grupo sobre aquilo que realizaram durante a sessão e sobre o que mais gostaram de fazer, sempre lembrando que todos terão a oportunidade de falar e ser escutados.

É importante ressaltar que existem nuances dentro da psicomotricidade relacional, e que autores que tiveram a mesma formação inicial, no decorrer de seus estudos acabam, seguindo linhas diferentes, como por exemplo: Aucouturier, Lapierre e Negrine.

Aucouturier determina que, na sessão, o jogo de pulsão (jogo sensório-motor – classificação de Piaget) deve ser potencializado, e a prática da psicomotricidade tem sua função até os oito anos, por outro lado Lapierre entende que o jogo simbólico é que deve ser potencializado, e que a psicomotricidade deve se aplicar às crianças, aos adolescentes e também aos adultos (NEGRINE, 1995).

Uma característica importante a respeito da psicomotricidade relacional de Aucouturier, que é seguida por diversos psicomotricistas, é que a organização da sessão segue uma seqüência temporal, isto é, a criança deve seguir uma determinada ordem para executar os jogos: momento inicial ou ritual de entrada; jogos de segurança profunda, jogos de prazer sensório-motor; jogos simbólicos; narração de história, atividades de representação e momento final ou ritual de saída (MARTÍNEZ, PEÑALVER e SANCHEZ, 2003).

Outro aspecto importante a ressaltar, que é bem diferente do contexto escolar brasileiro, é que a sessão é realizada somente em ambientes fechados (sala de psicomotricidade) que possuem materiais fixos (escadas, barra de equilíbrio, tatames) e diversos materiais complementares (blocos de espuma, aros, bola grande bichos de pelúcia, cordas, fantasias). Estes ambientes possuem também mesa com cadeiras e material audiovisual e musical, e o grupo de crianças é em número bem reduzido (MARTÍNEZ, PEÑALVER e SANCHEZ, 2003).

Os estudos iniciais de Negrine estiveram voltados à prática da psicomotricidade funcional. Sua formação na Escola de Expressão e Psicomotricidade da Prefeitura de Barcelona seguiam as orientações de Bernard Aucouturier, mas a linha pedagógica que ele segue no momento atual está configurada dentro de uma perspectiva relacional (NEGRINE, 2002).

Um aspecto importante a destacar é que a psicomotricidade relacional desenvolvida por Negrine se diferencia das demais práticas devido a fatores que são bem referenciados por Falkenbach (2002, p. 76):

a) o autor se diferencia da maioria dos psicomotricistas pela sua fundamentação teórica que reconhece as diferentes vertentes da psicomotricidade e os seus principais autores, bem como as limitações e as vantagens das práticas que utilizam;

b) oxigena o referencial teórico da psicomotricidade com elementos da antropologia, da psicopedagogia que contribuem à tradicional visão psicanalista, que ainda é hegemônica e a enriquecem;

c) inova com a utilização dos referenciais teóricos de Vygotsky, teórico que contribui para uma mudança na compreensão psicopedagógica do desenvolvimento e aprendizagem infantil, bem como do significado dos jogos para a prática da psicomotricidade;

d) estabelece um divisor de águas para a leitura do movimento que faz a criança. Explica que em um ambiente lúdico a criança faz uma trajetória denominada de *trajetória lúdica* e seu movimento flutua entre; a) ser um movimento técnico, o que significa fazer exercícios; b) brincar de faz-de-conta, isto é, jogar simbolicamente;

e) desenvolve e estrutura a organização da prática psicomotriz educativa com grupos de crianças, adequadas para o ensino regular e os diversos contextos que promovem a movimentação infantil.

Este eixo da psicomotricidade educativa é multifacetado, cabendo ao professor de Educação Física definir qual será sua proposta de trabalho, traçando objetivos e tendo como base concepções sobre o desenvolvimento e aprendizagem infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte do estudo de considerações finais por entender que não cabem conclusões definitivas, mas sim reflexões que pretendem provocar novos questionamentos a respeito do tema. Ao longo do estudo, as principais vertentes se desenvolvem e evoluem conforme as concepções de autores, que modificam suas abordagens em razão dos processos reflexivos e práticos que desempenham. Trata-se de um processo dinâmico que os autores realizam em sua ação-reflexão-ação, que evolui de acordo com a forma de pensar o objeto de estudo da psicomotricidade. Este fato demonstra que a psicomotricidade tem uma preocupação em se adaptar às necessidades da criança.

No decorrer da pesquisa percebi que existe uma vasta bibliografia a respeito da psicomotricidade, mas dependendo do autor a conceituação da vertente se modifica, Levin (1995) por um lado, conceitua a terapia psicomotora como clínica psicomotora, e Negrine (2002), por outro, não considera que a reeducação psicomotora seja uma das vertentes da psicomotricidade, pois entende que sua finalidade é reeducar novamente alguém que perdeu a habilidade motriz que já possuía, afirmando para estes casos, que a fisioterapia é a melhor opção. O objetivo de aprofundar o conhecimento acerca da psicomotricidade e as concepções de suas vertentes foi alcançado, mas também pude constatar que a psicomotricidade ainda passa por constantes transformações, e que novas nuances ou novas vertentes podem surgir. Com isso também confirmo a necessidade da formação continuada.

Baseado no estudo que realizei, pude perceber que cada vertente possui distintas finalidades. A reeducação psicomotora destina-se a crianças que apresentam déficit em seu funcionamento motor. Essa abordagem tem por finalidade ensinar a criança a reaprender como se executam ou se desenvolvem determinadas funções motoras. A terapia psicomotora por sua vez, tem por finalidade tratar as patologias psicomotoras de crianças normais ou portadoras de deficiências físicas que apresentam dificuldades de comunicação, de expressão corporal e de vivência simbólica. Já a educação psicomotora funcional, tem por finalidade sanar problemas motores, melhorando as aprendizagens cognitivas e o comportamento da criança. Enquanto que a educação psicomotora relacional, busca promover, através de uma ação pedagógica, o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança, utilizando como atividade meio a ação do brincar.

Com relação à área de base e autores de base, verifiquei que a reeducação psicomotora se sustenta na área do conhecimento biomédico (neuropsiquiatria infantil), tendo como principais autores Dupré e Wallon. A terapia psicomotora tem suas bases teóricas na psicanálise, sustentadas pelas obras de Wallon e Rogers. Por outro lado, a educação psicomotora se alicerça na área do conhecimento da psicopedagogia, sendo Piaget o autor de base da psicomotricidade funcional, enquanto que, na psicomotricidade relacional, os autores que sustentam suas concepções são Vygotsky e Winnicott. Ainda com relação à área do conhecimento que a psicomotricidade se alicerça, é importante salientar que em suas vertentes sempre se utilizam meios da Educação Física para a realização de sua prática.

No corpo do estudo procurei descrever as trajetórias de cada vertente de acordo com as concepções dos autores que as norteavam. Como forma de considerações finais, apresento os autores nucleares das vertentes da psicomotricidade na perspectiva contemporânea, ou seja, a forma atual de pensar destes autores.

A psicomotricidade historicamente mostrou-se dinâmica neste sentido, pois os autores demonstraram distintas localizações do seu pensamento e sua prática no percurso da psicomotricidade. Os principais autores da reeducação psicomotora são: Guilmain, Darrault, Defontaine e Empinet, enquanto que na terapia psicomotora os autores Ajuriaguerra e Levin são os mais notáveis. Já na educação psicomotora funcional, os autores Le Boulch, Picq e Vayer são os principais, por outro lado os autores Aucouturier, Lapierre e Negrine são os que mais se destacam na educação psicomotora relacional. Inúmeras são as obras e publicações que tratam da psicomotricidade em sua trajetória, mas neste item descrevo as que desempenharam maior influência sobre a forma de pensar daquele período. O *Manual de reeducación psicomotriz*^{1º, 2º e 3º año} de Joel Defontaine, é o conjunto de obras que mais se destacam na reeducação psicomotora. Na terapia psicomotora, as obras principais são: *La educacion psicomotriz como terapia "Bruno"*, de Aucouturier e Lapierre, e *A clínica psicomotora*, de Levin. Na educação psicomotora funcional, as obras que exerceram maior influência são: *A educação pelo movimento*, de Le Boulch, e *Educação psicomotora e retardo mental*, de Picq e Vayer.

Por outro lado, a obra *Simbologia do movimento*, de Aucouturier e Lapierre foi a que teve maior influência sobre a educação psicomotora relacional. Com a análise dos itens, a relação adulto/criança; a composição dos grupos; a organização e proposição da prática; o desenvolvimento das rotinas; avaliação/acompanhamento e postura corporal diante da criança, cada vertente apresentou distintas características no desenvolvimento de sua prática.

Na reeducação psicomotora, o adulto utiliza-se de métodos diretivos na realização de sua prática, normalmente não interage com a criança, exercendo uma relação de comando. O desenvolvimento das sessões ocorre de acordo com a necessidade da criança. O atendimento é feito a grupos pequenos, ou individuais, e a avaliação é determinada a partir de testes que determinam o perfil psicomotor da criança.

A terapia psicomotora organiza-se de forma que as atividades propostas nas sessões possibilitem a criação de atitudes comportamentais na criança a partir dos estímulos e intervenções que o psicomotricista faz constantemente. O trabalho terapêutico, a partir da perspectiva lúdica, requer escuta, ajuda e muita disponibilidade corporal do psicomotricista, ele interage com a criança, de forma que seu corpo e os objetos se tornem o depósito de suas emoções. A sessão é realizada de forma individual, utilizando-se de métodos não diretivos, e o psicomotricista avalia a criança conforme a sua evolução.

Na educação psicomotora funcional, o adulto exerce uma relação de comando com a criança, raramente ocorrem contatos corporais. A criança deve seguir os modelos que são propostos pelo professor, caso não consiga, os erros são corrigidos. O professor utiliza-se de métodos diretivos para a realização das atividades que são pré-programadas, e a sessão é destinada a grupos de crianças.

Já na educação psicomotora relacional, a relação que o professor exerce com a criança, é de ajuda, de escuta, de mediação, de interação e de provocação a novos desafios, ocorre o contato corporal entre ele e as crianças, e entre elas mesmas.

A sessão de psicomotricidade relacional é destinada a grupos de crianças e divide-se em três fases: 1ª) ritual de entrada, 2ª) atividades livres de expressão, construção e comunicação e 3ª) ritual de saída. O professor utiliza-se de métodos não diretivos para a realização de sua prática, na sua avaliação não mede e nem compara uma criança com a outra, ou seja, não emite juízo de valor.

O quadro tem como objetivo mostrar de uma forma didática a descrição e a categorização das principais vertentes da psicomotricidade. Acreditamos que, dessa forma, o leitor possa ter uma visão panorâmica da evolução e das diferenças que cada uma das vertentes apresenta:

	REEDUCAÇÃO PSICOMOTORA	TERAPIA PSICOMOTORA	EDUCAÇÃO PSICOMOTORA FUNCIONAL	EDUCAÇÃO PSICOMOTORA RELACIONAL
FINALIDADE	Ensinar a criança a reaprender a executar determinadas funções motoras	Tratar patologias psicomotoras, afetivas, relacionadas cognitivas	Sanar problemas motores, melhorar as aprendizagens cognitivas e o comportamento da criança	Desenvolver as potencialidades relacionais da criança utilizando a ação do brincar
ÁREA DE BASE	Biomédica neuropsiquiatria infantil	Psicanálise	Psicopedagogia	Psicopedagogia
AUTORES DE BASE	Dupré Wallon	Rogers Wallon	Piaget	Vygotsky Winnicott
PRINCIPAIS AUTORES	Darrault Defontaine Empinet, Guilmain	Ajuriaguerra Levin	Le Boulch Picq Vayer	Aucouturier Lapierre Negrine
OBRAS PUBLICAÇÕES	Manual de reeducação psicomotriz 1º, 2º, 3º año	La educación psicomotriz como terapia "Bruno" A clínica psicomotora	A educação pelo movimento Educação psicomotora e retardo mental	Simbologia do movimento
RELAÇÃO CRIANÇA ADULTA-	Comando, não interage.	Escuta, ajuda interação, disponibilidade corporal.	Comando, não interage, é o modelo da criança	Ajuda, mediação, provocador, escuta interação.
COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS	Grupos pequenos, Individual	Individual	Grupos	Grupos
ORGANIZAÇÃO PROPOSIÇÃO PRÁTICA DA	Programa de sessões de exercícios conforme necessidade da criança	Atividades em que objetos e do corpo do terapeuta se tornem o depósito das emoções da criança	Atividades pré-programadas, e os alunos imitam os modelos professor	Ritual de entrada; atividades livres de expressão, construção e comunicação; Ritual de saída
DESENVOLVIMENTO DAS ROTINAS	Métodos diretivos	Métodos não diretivos	Métodos diretivos	Métodos não diretivos
AVALIAÇÃO/ ACOMPANHAMENTO	Bateria de testes que determinam o perfil psicomotor	Avalia conforme a evolução da criança	Correção do erro	Não mede, não compara
POSTURA CORPORAL DIANTE DA CRIANÇA	Não ocorre contato corporal	Ocorre contato corporal	Raramente ocorre contato corporal	Ocorre contato corporal

Material fornecido por: Danielle Mendonça (facilitadora do Ciepre).